



Formadora: Cristina Nunes

Formanda: Rosa Palmira Lomba Morais

Escola Secundária Augusto Gomes - Matosinhos – 10 de julho de 2017

Introdução

O autismo afeta todas as áreas de desenvolvimento, em maior ou menor grau. Os sintomas a que está associado estão presentes desde o início da infância, mas, por vezes, poderão só manifestar-se quando as exigências sociais excedem as capacidades das crianças.

“The unique thing about autism and the reason it is sometimes hard to detect is that the disorder affects different sufferers in different levels of complexity”¹. Daí que poderemos estar perante crianças ou jovens que conseguem comunicar os seus desejos e necessidades ou simplesmente não conseguem comunicar de todo, mas isso não implica que não possam pensar sobre o que desejam expressar. A grande dificuldade em lidar com uma pessoa com Perturbação do Espectro do Autismo está, pois, intrinsecamente ligada à questão comunicacional. A comunicação aceite socialmente não está presente, e, por isso, são, por vezes, considerados mentalmente instáveis.

Como já foi referido, todas as pessoas com PEA tem, de algum modo, défice significativo e persistente na comunicação e interação social. A comunicação está comprometida, mas mesmo para os que comunicam a grande dificuldade é a utilização da linguagem de modo a que corresponda a um pensamento coerente. A linguagem corporal e a expressão facial, essenciais para a comunicação, também estão comprometidas bem como o contacto ocular, que é uma reação humana básica no ato de comunicar. Os padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades também não ajudam à criação de oportunidades de interação. De acordo com John Gahan, “Autism is often referred to as the “hidden” disability because people who are on the autistic spectrum show no significant physical difference to their peers, rather it is their behaviours that mark them out as different. The 3 main areas of difficulty for people with autism are referred to as the “triad of impairments”: social communication, social interaction and social imagination”²

As causas do autismo são ainda um mistério, mas é sabido que os seus cérebros funcionam de um modo diferente. Parece haver uma combinação de fatores genéticos e ambientais por trás desta perturbação, mas os estudos não chegaram ainda a uma resposta que possa ser de alguma utilidade no que respeita a um possível tratamento. Se bem que todos ansiemos por uma cura milagrosa, a verdade é que aquilo a que nos podemos dedicar é à criação de programas educacionais estruturados e personalizados que possam ensinar às crianças e jovens formas alternativas de comunicação e de competências que lhes permitam uma melhor integração na sociedade e, assim, poderem usufruir de uma vida mais plena e mais feliz, com os seus familiares e com os seus pares. No sentido de promover a participação ativa e independente na escola e na sociedade, impõe-se um modelo colaborativo e trabalho nos diferentes contextos do aluno, adequando atividades às suas motivações e interesses, estruturando as tarefas e promovendo a repetição funcional.

A formação sobre a qual se debruça esta reflexão teve, no meu entender, essa valência por duas razões principais. Primeiro pelo que, em termos científicos nos foi dado a conhecer sobre a PEA, mas também pelo que ficamos a conhecer em termos de avaliação e intervenção. E esse é o nosso desafio no dia-a-dia das Unidades de Ensino Estruturado para Alunos com Perturbação do Espectro do Autismo. A partilha, a discussão de métodos e estratégias com a formadora e com os colegas foram momentos preciosos, que me ajudaram

no difícil papel de trazer benefícios aos jovens que me confiaram e com os quais trabalhei durante o presente ano letivo. Tarefa interessante, mas também desafiante, que procurei desenvolver com seriedade, dedicação e muita vontade e necessidade de saber mais e fazer cada vez melhor.

Material de Intervenção

Uma criança ou um jovem representa sempre um desafio, mas o desafio aumenta se for portador de Perturbação do Espectro do Autismo. Para ajudar um aluno com autismo a atingir o seu potencial e a conquistar a autonomia possível na vida adulta, temos que estar preparados para lhe dar suporte, afeto e limites, evitando substituí-lo nas tarefas que pode realizar e dando apenas o suporte essencial e necessário nas tarefas em que mais precisar da nossa ajuda. Tem que ser um trabalho sistemático e é bastante moroso, pelo que temos que estar preparados para abdicar de perfeccionismos, mas ao mesmo tempo somos muitas vezes surpreendidos quando vemos que a perseverança nos leva a conquistas significativas. Incentivar a autonomia é imprescindível, quer na área da independência pessoal, do lazer, das competências da vida diária, da utilização dos recursos comunitários, bem como no domínio da autodeterminação e autorrepresentação, já que os alunos PEA demonstram frequentemente dificuldade na realização de escolhas e na resolução de problemas. Esse é parte do trabalho que procuramos desenvolver, em articulação com a família, nas Unidades de Ensino Estruturado para Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo, no sentido de proporcionar aos alunos uma maior integração na vida escolar, procurando garantir a igualdade de oportunidades e promovendo a inclusão dos alunos, assegurando um estilo de convivência que se traduza no amadurecimento cívico dos intervenientes e na qualidade das relações entre as pessoas, bem como no gosto pela permanência na escola e pelo crescimento pessoal e de grupo, pugnando por um ambiente propício ao processo de ensino/aprendizagem. O trabalho que apresentei ao grupo de trabalho foi fruto da necessidade que se me apresentou de, com a ajuda da família, procurar evitar que o trabalho sistemático e regular, que referi acima, não se perdesse. É notório que quando determinadas rotinas são interrompidas, por exemplo, nas paragens letivas, no regresso às aulas há que voltar a relembrar e a trabalhar determinados conteúdos que pareciam já assimilados. Assim, considerei pertinente procurar criar um material de intervenção para o aluno T, que pudesse ser usado em casa, com a família, com um carácter eminentemente lúdico, mas que servisse simultaneamente para trabalhar determinados conteúdos trabalhados em espaço/aula para que o aluno não os esquecesse durante as longas férias de verão. No entanto, procurei que não fosse notório para o aluno que se tratava de “trabalho escolar”, procurando dar-lhe uma certa conotação de jogo e brincadeira, quer pelos materiais empregues (diferentes dos utilizados em contexto escolar), quer pelo facto de ter escolhido atividades pelas quais o aluno em causa sempre demonstrou interesse. Paralelamente procurei criar algo passível de se transformar em jogo familiar. Assim, no material “Vamos brincar com as palavras e com os números”, as possibilidades são

infinitas, já que é possível ir acrescentando novos elementos, em qualquer das categorias, conforme as necessidades e o interesse demonstrado pelo aluno e/ou pela família.

Conclusão

Sendo que é dever de todos os professores zelar pela sua atualização científica e pedagógica, necessárias para um bom desempenho profissional, procurei encontrar uma formação que fosse ao encontro das necessidades que senti durante este ano letivo. Fazer pesquisas, atualizando-me em livros e outras fontes de informação, não se assemelha a participar em formações, onde a troca de ideias com colegas, numa partilha de conhecimentos e atividades, mobiliza forçosamente o conhecimento adquirido na melhoria do desempenho profissional. Esta oficina de formação adquiriu especial relevância no meu desenvolvimento profissional, permitindo-me debater, refletir, interpretar e reinterpretar a implementação de diversas estratégias e práticas pedagógicas. Esta formação permitiu-me entrar em contacto com novas realidades de conhecimento científico, especificamente no âmbito da Perturbação do Espectro do Autismo e a partilha quer de informação científica e pedagógica, quer de materiais didáticos com colegas e formadora, proporcionaram-me uma reflexão com os pares sobre os diferentes aspetos da intervenção e avaliação dos alunos que me levaram a uma reflexão profunda sobre as temáticas abordadas e, obviamente, se refletiram na minha prática pedagógica.

Creio poder dizer que foi uma experiência enriquecedora, uma vez que este foi o meu primeiro ano de trabalho numa UEE e a participação neste grupo de trabalho, fez-me sentir menos isolada, mais apoiada e, acima de tudo, mais motivada e confiante no trabalho que realizei. Sinto que desenvolvi melhor trabalho e estou mais segura das minhas decisões pedagógicas, pelo que a minha participação foi uma mais-valia, quer em termos profissionais, quer pessoais.

Referências

John Gahan, Autism: The Essential Guide to Understanding Autism, LCGI Mello,

Ana Maria S. Ros de, Autismo: Guia Prático, 4ª edição, S. Paulo, 2005

<http://www.cadin.net/saber-mais-perturbacao-do-espetro-do-autismo>

